

Stadium

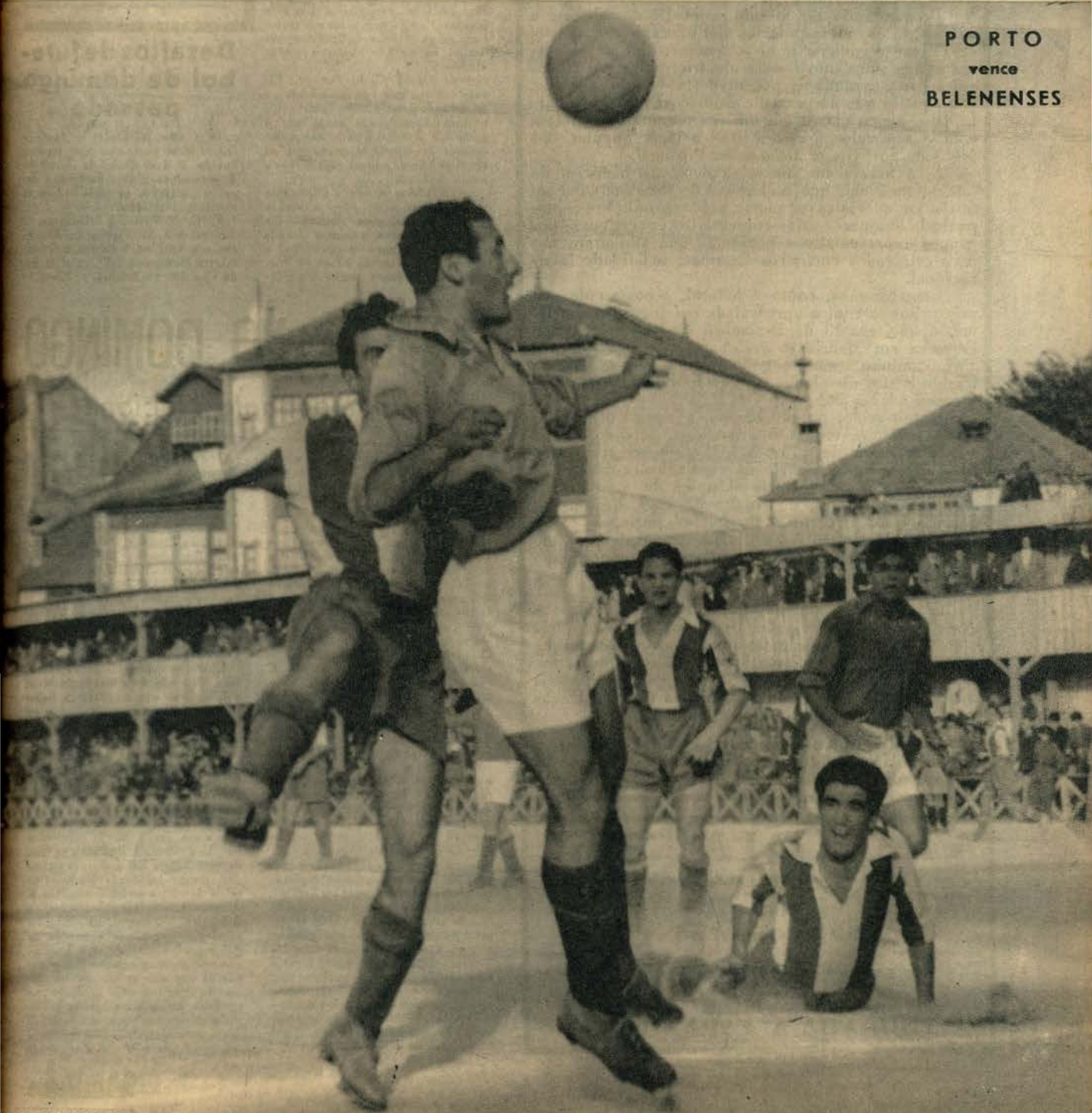
N.º 302

15 de Setembro de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PORTO
vence
BELENENSES



Os mais famosos grupos do futebol português

Uma nova publicação de «Stadium»

A nossa Revista tem deligenciado brindar os seus leitores, sempre que possível, com gravuras ou textos em separata, arquivando assim os vultos ou os acontecimentos desportivos mais em foco na actualidade de forma a dar-lhes um realce que corresponda a seus méritos.

Prosseguindo no mesmo propósito de valorizar a sua edição e corresponder ao fiel interesse do público, «Stadium» vai iniciar já no seu número de 29 do corrente mês uma nova série de tricromias em folhas soltas, consagrando-as porém desta vez ao passado, não àqueles que no presente conhecem a aura da celebridade, mas a outros que em seu tempo prestigiaram com o seu valor e seus êxitos o mais popular dos jogos desportivos praticados em Portugal.

Será assim, em síntese, a evolução histórica do futebol nacional, que os leitores de «Stadium» encontrarão em sucessivas semanas, pela reprodução—acompanhada dos necessários comentários evocativos—dos grupos representativos nacionais que alinharam nos mais celebrados encontros da nossa actividade internacional.

Começaremos, como é natural, a nossa colecção, pela primeira equipa apresentada em jogo internacional, e que, em 13 de Dezembro de 1921 defrontou a Espanha em Madrid e que, batida embora por 3-1, abriu caminho a uma longa campanha que, se nos tem trazido bastos dissabores, tem proporcionado também compensadoras alegrias.

Seguir-se-ão, provavelmente, a equipa que alcançou a primeira vitória internacional, batendo a Itália em 18 de Junho de 1925 por 1-0; o célebre grupo que em 1928, após uma série de resultados notáveis, se cobriu de glória na jornada olímpica de Amesterdão; o conjunto que, em 9 de Janeiro de 1938, firmou nas Salésias o ressurgimento do futebol português, vencendo a Hungria por 4-0 e, finalmente, mais próximo de nós, essa outra equipa que, em 1947, conseguiu a proeza mais ambicionada de sempre: a vitória sobre a Espanha.

Com esta documentação recordaremos todas as grandes figuras do passado, os ídolos que ainda não esqueceram na saudade do público, os homens que cimentaram com sua classe desportiva, seu entusiasmo e fé, a tradição prestigiosa do desporto português, competindo no país e por essa Europa fora contra as mais fortes potências do futebol continental.

Pedidos imediatamente à Administração da «Stadium», Rua da Rosa 252-1., devido a fazermos tiragens limitadas.

ARCADIA

O DANCING N.º 1
— DA CAPITAL —

Apresenta um sensacional programa de atracções com

Lolita Torres y Pepe Ballesteros

LOS MAJOS
DE ESPAÑA

TRIO Sinfonie Parisien

Carmelita de Cordoba, Herminas Rodriguez, Mary-Mely, Lita-Anliel, Nancha de Aragon, e Mabel Valência

A's 2,30 Horas

UMA GRANDE SURPRESA!

TOURADA A' ESPANHOLA

A 1.ª jornada da Primeira Divisão é contida pelos seguintes encontros:

Atlético-Sporting.
V. Guimarães-Estoril.
Porto-Elvas.
S. Covilhã-Boavista.
Setúbal-Braga.
Benfica-Olhansen.
Lusitano-Belenenses.

Previsões

Tal como na época passada, o Sporting vai à Tapadinha Inaugurar a Campanha, Vencera nessa altura por 4-1. Nada nos diz que a diferença de 3 bolas não se repita agora. Mas o futebol começou há dias e os jogadores estão seculares por meterem golos. Ganha o Sporting por 5-2... na melhor hipótese para os «leões»...

— O jogo F. C. do Porto-O Elvas é outro que tem precedente na 1.ª jornada deste grande torneio. Os portuenses ganharam então por 4 golos (de Araújo) a zero. São muito capazes de repetir a dose, mas os elvenses hão-de marcar pelo menos o ponto de honra!...

— O Benfica recebe o Olhanense para começar, assim como o recebeu o ano passado, para terminar. Os algarvios visitaram o Campo Grande em dois domingos consecutivos, o último por causa da «Taça de Portugal». Tudo junto somou 7-2 a fa-

COMEÇA NO DOMINGO o Campeonato Nacional

vor dos «encarnados». Isto dá a média aproximada de 3-1 — e é esta marca que vaticinamos para o jogo de domingo!

— Os estorilenses vão até Guimarães. O caso é que as coisas não correm lá muito bem para os «samaritanos» e é natural que venham de lá com uma «batata» na bagagem. Mas nós ainda vamos pôr um empatesinho milagroso, ainda que arrancado a ferros...

— Os «Leões» da Serra estrelam-se na sua terra contra o «team» dos Calados. Hão-de querer entrar na almejada prova com o pé direito. E vamos lá: 2-0 já não seria nada mau!...

— O Belenenses dá um pulo (muito razoável, aliás) até Vila Real de Santo António. Na época passada saiu-se mal com a visita. O Lusitano ganhou por 2-1. Mas agora isto é outra loiça. Equipa prevenida vale por duas... Errevamos a vitória dos «azuis» por uma diferença de duas bolas — o que também não seria nada mau!...

— O Sporting de Braga tem também um passeio de se lhe tirar o chapéu. Na época transacta, os bracarenenses obtiveram um empate em Setúbal, que veio a ser o seu melhor resultado fora de casa. Desta vez podem ir empatar noutro sítio, ou mesmo ganhar, mas em Setúbal é que não! Ganha o Vitória sadino, por uma diferença substancial: 2-1, por exemplo.

Resta-nos desejar hipocritamente que os resultados vaticinados saiam todos ao contrário, para ficarmos bem vistos com todos.

Ano VI — II Série — N.º 508
Lisboa, 15 de Setembro de 1948

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1
Telefone, 31157 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Desafios de futebol de domingo passado

Para não se perder o domingo (em Lisboa passou-se sem futebol, devido à desistência de Fernando Peyroteo) os clubes deram-se a desafios amigáveis, os quais tiveram os seguintes resultados:

F. C. do Porto, 3-Belenenses, 0; Amora, 0-S. L. Benfica, 4; Alcacereense, 1-Sporting, 8; Estoril, 2-Oriental, 0; Montemor, 2-Oriental, 2; Sp. da Covilhã-11-Leixões, 1; Elvas, 6-

-Almada, 1; Alhandra, 2 Atlético, 5; Benfica, 2-Belenenses, 1 (reservas); Barreirense, 5-C. Piedade, 3; Ginásio Sul, 3-Arroios, 1; Valadarens, 0-Ramalense, 1; Vilanovense, 6-Bonfim, 0; Ermesinde, 6-A. Rio Tinto, 3; Tirsense, 3 Fafe, 2; Lamego, 1 Boavista, 1; União, 4-Académica, 4; Perosinho, 1-Coimbrões, 1; S. Rio Tinto, 5-Rio Ave, 1; Infesta, 0-Progresso, 5; Gil Vicente, 1-D. Portugal, 1; Vianense, 3-V. Guimarães, 2; Sanjoanense, 1-Sp. de Braga, 1; Custóias, 4-Figueirense, 1; Oliveirense, 7-Lourosa, 0.

Entre esta série larga de encontros, com maior ou menor interesse, sobressaem aqueles que os clubes lisboetas disputaram no Porto, em Amora, Estoril, Alcácer do Sal e Alhandra.

O Belenenses não chegou à creche do Porto, o qual apresentou o brasileiro Da Silva. A sua linha atacante, débil, não conseguiu preferir a defesa portuense.

Em Amora, o Benfica (alinhando com a sua asa esquerda constituída por José Pedro e Rosário), na festa de homenagem ao conhecido treinador, antigo jogador e árbitro, e técnico de várias modalidades, Manuel Alexandre, não teve dificuldades. Na Amoreira, o Oriental, perdendo, fez excelente figura. Se a partida de Alhandra foi difícil para o Atlético, que procura uma solução para o ataque, já o mesmo se não poderá afirmar do Sporting — que produziu uma excelente exibição em Alcácer do Sal.

Enfim — como que acabaram os desafios amigáveis. Domingo que vem — começa o futebol a sério.

Stadium

COISAS DA BOLA...

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

SEGREDOS... que toda a gente sabe!

O Benfica vai dispor brevemente de um treinador inglês, antigo internacional, que durante 17 anos alinhou no Charlton, de Londres. Isto é, um homem à altura da missão.

O Elvas ficou sem o jogador Rafa, que passou para o Barcelona, mas conserva Calleja e reforçou-se com o espanhol Bernabé, de 33 anos, médio e interior direito, que vem do clube de Jsem, onde fez uma época muito boa.

Foi o vice-presidente do F. C. do Porto, Alberto Brito, o qual assistiu ao desafio Barcelona-Sporting, e encarregado de trazer o brasileiro Da Silva para Portugal. Cumpriu a sua missão.

Sidónio teria dito: — Sou o único jogador que teve a honra de envergar a camisola dos 3 grandes...

A frass choca!

A Académica não pôde ver confirmado o seu desejo de alinhar com Mário Reis — pois o Benfica precisa deste jogador, mas conseguiu o concurso de Andrade, um dianteiro de recursos que, já por mais de uma vez, alinhou no grupo de honra.

Em Castelo Branco, após a fusão dos clubes, reina grande entusiasmo. Todos estão convencidos que o clube, actualmente treinado por Valentim Machado, o antigo elemento do União, vai fazer figura. Domingo joga contra a Académica.

O União Sport, de Montemor-o-Novo, está numa fase de renovação dirigida por uma Comissão Administrativa da presidência do nosso amigo Simão Malta, o conhecido cabo de fôrças do famoso grupo de Montemor. Na impossibilidade de Francisco Ferreira assumir as funções de treinador, devem estas ser ocupadas por César Ferreira, antigo elemento do Benfica.

No Belenenses, como auxiliar de Artur Quaresma, investido definitivamente no cargo de treinador, está o antigo jogador Varela Marques. O Belenenses procura resolver os seus problemas com a «prata da casa».

Ventila-se a hipótese do Belenenses ter, novamente, uma Delegação na Baixa. A iniciativa não parece des acertada.

Armando, jogador do Atlético, foi mal recebido pelo treinador na sessão em que se apresentou. Consequência: — tiveram que ir buscá-lo a casa...

REACÇÃO ESPANHOLA

JÁ não está em perigo o futebol espanhol! Ainda bem. Regostijemo-nos todos com o facto. Nós que fomos criados na admiração do futebol de Espanha — tão familiar aos portugueses como aos próprios espanhóis! — e que continuamos a encontrar nele as mais belas forças do Jogo, as quais precisam apenas de ser encaminhadas e aproveitadas no bom sentido. Tendo em conta a evolução tática.

O quadro de Espanha, figurando como motivo a viagem do Sporting, apresenta duas faces, uma diferente da outra. Negra e branca. Primeiro — especie de carpidreira oficial. Segundo — alegria despreocupada. Tudo isto porque? — Porque o Sporting ganhou um encontro, sem dúvidas de qualquer especie; e porque, em seguida, perdeu um jogo, o mais naturalmente que é possível.

A quando da vitória contra o Atlético de Madrid, que originou censura publica à Direcção do clube (como se o prestigio do país ou do futebol espanhol estivesse em causa!) disse-se, talvez num exagério evidente, que o Sporting repetira a lição do S. Lorenzo de Almagro e do Stade Français.

Talvez exageradamente, repetimos, pois Candido de Oliveira, em cuja opinião confiamos, por todas as razões e até por estar melhor colocado que os criticos espanhóis para emitir o juizo mais conforme com as realidades, disse-nos que os *leões* haviam feito uma exhibição perfeitamente ao alcance das suas possibilidades e até abaixo delas, em virtude dos jogadores terem feito a demonstração de que não tinham ainda a hora e meta nas pernas.

Lembre-mo-nos, então, de isto! O Sporting fez toda a sua digressão por terras de Espanha em quatro automoveis — para ser mais económico e talvez poder deslocar mais gente. Tendo alinhado no domingo no Metropolitan, saiu de Madrid na 2.ª, percorrendo em duas etapas a distância até Barcelona onde chegou na 3.ª feira para jogar no dia seguinte. Compreende-se como uma viagem desta natureza, já de si fatigante, em clima de um encontro de responsabilidade, com os jogadores ainda fora de forma, havia de influir no seu rendimento!

Não somos nós, de resto, os unicos a manter esta opinião. Reproduzimos a seguinte fala do sr. dr. Ribeiro Ferreira com os jornalistas em Barcelona, devidamente registada: — Verdaderamente tivemos uma surpresa. Não esperávamos este resultado. Influio bastante nele a larga viagem realizada por estrada, em auto, jogando em Barcelona três dias depois de o ter feito em Madrid. Muitas mudanças de hotel, de comidas e pouco descanso.

Verifica-se, portanto, que a viagem não foi estudada com os cuidados que o caso requeria. Bem. Mas isso não importa.

Ha tambem outro aspecto que merece ser fixado. Porventura mais decisivo. O Sporting vencera em Madrid, fazendo um ruído que abalára o futebol espanhol, e apresentava-se em Las Cortes sem intenções reservadas, despido da força psicologica de vencer, isto é, propondo-se apenas fazer mais um jogo. E mais nada.

Pelo contrario, o Barcelona tinha áncias de vencer — pois as circunstâncias collocavam-no como garante do prestigio do futebol espanhol. E os seus jogadores compenetraram-se do papel, lutando com energia indomável, rápidos caracteristicos, força de vontade e acclitação das indicações dadas pelo argentino Enrique Fernández, que actualmente os treina, e que desde o primeiro dia procurou pôr o *team* dentro da disciplina do jogo de posição. Quere dizer, o estado de moral tão necessário ás victórias — a sua verdadeira base! — era diferente nas duas equipas. E deu-se o que inevitavelmente se tinha de dar. Quase estava previsto!

Simplemente — esta derrota não fez estremecar ninguém em Portugal. Todos dissémos mais ou menos: — Foi pena, depois do brilhante triunfo do Metropolitan, e cada um foi à sua vida!

Nós sabemos perfeitamente o que representa jogar no estrangeiro, compreendemos as condições do encontro de Barcelona, e aceitamos, sem azedume, as derrotas como esta. Por isso, podemos garantir que não se confirmará a previsão do nosso camarada Julio Cueto, em «Informaciones», isto é, que o Sporting não será censurado oficialmente. Limitamo-nos a aguardar confiadamente o futuro. Cá esperamos a oportunidade.

Não deixa, no entanto, de ser curiosa, a rápida mudança de opinião de alguns criticos espanhóis, no tocante ao Sporting e aos chamados Sistemas. Agora — já não é preciso o *jogo de posição*, antes a panaceia. O mais curioso, como os portugueses tiveram oportunidade de verificar — ao que parece — é estar o Barcelona já integrado no sistema, como o declara o próprio treinador e um critico da categoria de Lasplazas, que, todavia, afirma que os portugueses buscaram a desmarcação na complicação, tipo centro-europeu, e os espanhóis no curto *sprint* tão apreciado no futebol argentino, e na agilidade e decisão no momento oportuno. Enfim, ainda bem que o futebol espanhol já não está em perigo. Até quando?

A MARO

Chegam-nos noticias animadoras de Mariano Amaro, o internacional belenense que, em vésperas da final da Taça de Portugal, se sentiu adoentado e teve de abandonar a prática do futebol. Submetido a rigoroso tratamento médico, e ao mesmo tempo carinhoso, acompanhado na sua doença pelo clube e por grande número dos seus amigos, Mariano Amaro, na sua qualidade de Loass, numa casinha lá do alto, vai arribando.

Mas não vemos que se promova a sua festa — que será uma grande manifestação do futebol português. Amaro via-se obrigado a abandonar para todo o sempre o jogo de bola — e precisa de encerrar o futuro confiadamente.

Se alguém merece um sacrificio do futebol é este rapaz, que marcou uma posição inconcluível. Por que se espera, então? Que se aguarda?

O JORNALISTA DESCONHECIDO

informa:

Que o inquérito pedido pelo treinador Scopelli, agora, no F. C. do Porto, mandado superiormente organizar e que correu a cargo do sr. dr. Campos Figueira, lhe é inteiramente desfavorável, não tendo o referido treinador direito a perceber seja que quantia for. Nem ordenado! Nem viagem! Nada, enfim. As atitudes do referido treinador são devidamente analisadas.

Que o Benfica, solicitado constantemente para disputar encontros amigáveis, não aceitará nenhum desses convites — por determinação da Direcção — depois do inicio das provas officiais.

Que o conhecido dirigente, capitão Maia Loureiro, havendo praticamente reingressado na Comissão Administrativa da Federação, trabalha com vivo interesse no Estatuto do Jogador, o qual oferecerá principios novos e muito curiosos.

Que Gabriel da Fonseca, antigo jogador da Académica e árbitro coimbrão, agora elevado à categoria de presidente da Comissão Distrital de Coimbra, é um dirigente que honra a arbitragem pela qual trabalha com inulgar dedicação.

AVEIRO E CAMINHA COM OS SEUS "OLÍMPICOS"

marcaram superioridade nos campeonatos nacionais de remo

ANIMOU-SE o rio Douro — mais uma vez e como sempre — com a disputa dos campeonatos nacionais de remo (velocidade no percurso clássico de dois quilómetros entre o Bicalho e o elevador de Gaia. À estas regatas, que constituíram, em todos os aspectos, um espectáculo desportivo atraente e sugestivo, concorreram os melhores remadores de Portugal.

Claro que os «olímpicos» não puderam faltar — dando bem a nota de melhoria com a sua estada nos arrabaldes Londres.

Muitos milhares de pessoas, interessadíssimas, se espalharam ao longo das margens ribeirinhas, seguindo com a maior curiosidade as fases mais emocionantes das diversas regatas. Por tudo e em tudo: um espectáculo desportivo de bom quilate.

Se bem que as tripulações sudistas tivessem tido actuação de relevo, certo é que o norte venceu em quase toda a linha, pois as provas foram ganhas por Aveiro (4), Porto (2), Caminha e Figueira da Foz. E na corrida extra, em «shell» de 4, duas tripulações de principiantes do Fluvial houveram-se belissimamente disputando a corrida, como se diz-se, a «par e passo».

Tudo se conjugou, portanto, para que estes campeonatos nacionais de remo — os primeiros efectuados depois da vinda dos remadores portugueses dos Jogos Olímpicos — fossem coronados de bom êxito. Antes assim: o remo «navega» em boas águas...

Disputaram-se oito regatas de campeonato — todas elas com animação e o maior interesse — registando-se os vencedores seguintes:

Skiffs — Seniores (taça «Comandante Teodoro») Sporting Caminhense (Carlos Maciel); Juniores (taça «Casino de Espinho II») — Galitos de Aveiro (Mário Teles dos Santos).

Shell (de 2) — Seniores (taça «Comissão Municipal de Turismo de Braga») Fluvial Portuense (Hermínio Lima, Rodrigues Braga e Pinto Rubim: tim.º); Juniores (taça «Zefa») — Fluvial Portuense (Manuel Victoriano, Jaime Baptista e Fernandes Barbosa: tim.º).

Shell (de 4) — Seniores (taça «Lisboa») — Galitos de Aveiro (Albino Neto, Carlos do Roque, Dias de Sousa, Felisberto Fortes e Luis da Nala, tim.º); Juniores (taça «Porto») — Galitos de Aveiro (Santos da Benta, Ernesto Simões, Roque da Benta, Maia Lemos e Rodrigues da Paula, tim.º).

Shell (de 8) — Seniores (taça «O Século») — Galitos de Aveiro (Ricardo da Benta, Maia Machado, Carlos do Roque, João Alberto, João Dias, Carlos da Benta, Albino Neto, Felisberto Fortes e Luis da Nala, tim.º); Juniores (taça «Chenop») — Naval 1.º de Maio (Jorge Carlos, Francisco Parra, Jordão Meneses, Simões Júnior, Armando Martins, Feliciano Barrocas, Mário Ladeira, José Simões e Gonçalves de Oliveira, tim.º).

Quer dizer: o Galitos de Aveiro conquistou supremacia nos prémios em disputa — pois ganhou nada menos do que quatro dos oito campeonatos. Para o Fluvial foram dois títulos. E Caminhense e Naval 1.º de Maio repartiram entre si os restantes.

A organização — a cuidada, e bem cuidada, do Fluvial Portuense — contribuiu eficazmente para o êxito desportivo registado. Tudo certo. Tudo bem. E tudo na devida ordem e a tempo. Parabéns aos organizadores.

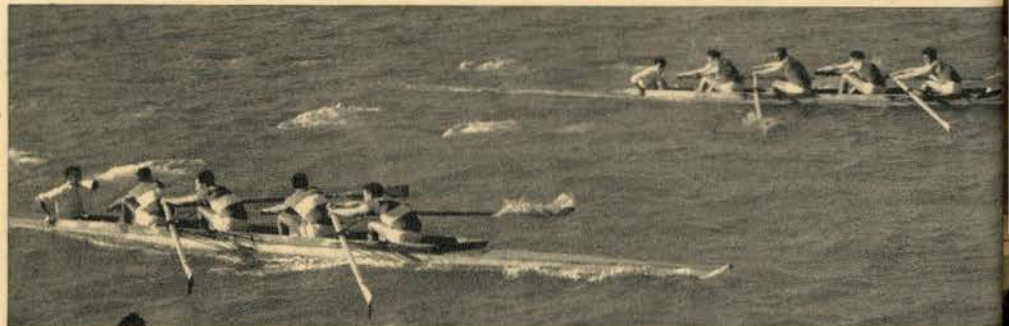
No juri oficial das regatas viam-se representantes de cada um dos clubes concorrentes, presidindo, como era natural, o delegado no Porto da F. P. Remo.

Na primeira prova («shell» de 8 — juniores) tomaram parte três embarcações. O Fluvial, em excelente arran-

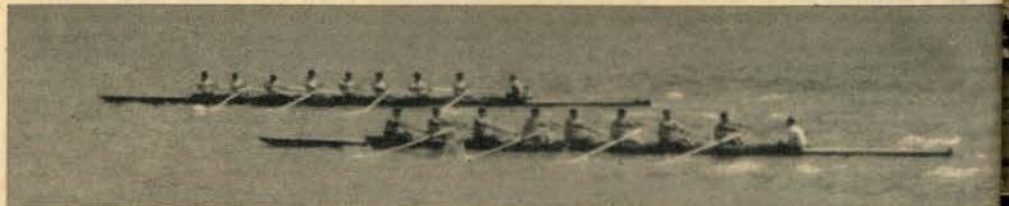


Fotos HERMANN

8 seniores — À meio da prova a tripulação do Galitos de Aveiro comanda, já com um banco de avanço sobre Fluvial Portuense



4 seniores — Galitos de Aveiro e Caminhense batem-se bem à chegada. Vence Galitos



8 juniores — À meio da prova, o Naval 1.º de Maio luta com o Fluvial. À vantagem por enquanto, é escassa, mas acaba vencendo

cada, tomou dianteira, mas acabou por perder por dois centímetros. O Naval de Lisboa foi terceiro distanciado.

A prova seguinte teve apenas dois concorrentes. Era o «skiff» de seniores. Venceu Maciel — com larga vantagem sobre Hildebrando de Oliveira (Fluvial). E, na terceira regata, de «shell» de 2, em juniores, somente um concorrente — Fluvial do Porto. Foi a menos interessante de todas! Já na que se lhe seguiu não sucedeu o mesmo, pois os «olímpicos» de Aveiro («shell» de 8) dando embora demonstração de grande superioridade, tiveram, na equipa do Fluvial, adversário de certo valor. As três últimas regatas — a quinta foi a tal extra-campeonato — e, principalmente a que encerrou o programa, culminaram em beleza. Nesta, como na 6.ª, alinharam maior número de participantes.

Além dos vencedores — três sem adversário: «shell» de 2 (juniores e seniores) e «skiff» (junior) — que foram quando contra outra ou outras tripulações, indiscutíveis e indiscutidas, merece também realce a boa actuação dos remadores do Naval de Lisboa, do Infante D. Henrique e do Desportivo Ferroviário do Barreiro. E nem se fala — tal a superioridade patenteada — nos internacionais e «olímpicos» de Aveiro e de Caminha. Foram simplesmente admiráveis — a demonstrarem (o que é perfeitamente natural e admissível) uma classe à parte. Com tudo isto, porém, os campeonatos nacionais de remo constituíram um belo espectáculo desportivo e da melhor propaganda das competições náuticas.



«Skiffs» juniores — Mário Santos, do Galitos, campeão de «skiff» na categoria de juniores



«Skiffs» seniores — Carlos Maciel, do Caminhense, campeão de «skiff» na categoria de seniores



O homenageado no momento da apoteose!

Fotos F. SA



Diogo, o guardaredes do Amora, executa uma defesa difícil contra o Benfica

A FESTA DE MANUEL ALEXANDRE



Uma fase junto das redes do Amora, o qual perdeu por 4-0



O Benfica entra no campo do Amora, e os ciclo-turistas do clube fazem a guarda de honra



Um ataque em massa do Oriental, e a defesa do Estoril tem que fazer...

ESTORIL 2 - ORIENTAL 0

Fotos J. GARCIA



Alberto corre, para salvar a situação!



Sebastião executa uma defesa, protegido de certo modo por Alberto



No momento em que o guardaredes bloca a bola, dando a sensação do jogo estar parado...

A temporada de 1948

o conjunto de resultados foi o melhor de todos os tempos

	1946	1947	1948
100 m.	11,5 s.	11,2 s.	11,2 s.
200 m.	23,8 s.	24,4 s.	23,5 s.
400 m.	56,1 s. (8.º)	55 s. (8.º)	54,6 s.
800 m.	2 m. 11,5 s.	2 m. 6,7 s.	2 m. 9,2 s.
1.500 m.	4 m. 40,8 s. (8.º)	4 m. 39,5 s.	4 m. 33,8 s.
5.000 m.	17 m. 52 s. (9.º)	17 m. 8,9 s. (9.º)	17 m. 44,2 s. (7.º)
10.000 m.	37 m. 34 s. (6.º)	37 m. 25,7 s. (8.º)	36 m. 45 s. (6.º)
Barreir. 110 m.	18,6 s.	17,3 s.	17,1 s.
Barreir. 400 m.	1 m. 4,5 s. (5.º)	1 m. 7,8 s. (8.º)	1 m. 6,5 s. (9.º)
Altura	1,7675	1,7070	1,7070
Comprimento	6,31	6,40	6,56
Triplo	12,49	12,72	12,99
Vera	3,10	3,3	3,05
Peso	10,65	10,40	10,85
Disco	32,43	33,30	32,15
Dardo	43,10	41,98	42,60
Martelo	23,02	23,55	24,30

TERMINADA a época oficial de 1948, à qual pouco podemos valorizar algumas organizações particulares ainda realizáveis — do que dudamos —, ficou como última impressão o escasso interesse do campeonato nacional, consequência directa do seu pouco feliz adiantamento para depois dos Jogos Olímpicos.

No entanto, engana-se por completo quem suponha que a temporada trouxe baixa de valor colectivo, pois o estudo dos números e a análise dos factos mostraram-nos, ao contrário, que houve subida de nível geral, muito mais significativa do que um progresso julgado apenas pelos marcos das primeiras figuras.

Observem os nossos leitores este primeiro quadro elucidativo, onde figurem os resultados que ocupam o décimo lugar nas tabelas referentes aos três últimos anos.

Em algumas modalidades e nalguns anos não chegaram a ser registados dez resultados; nestes casos, a seguir à marca, figura entre parêntesis, o respectivo número de ordens.

Passemos agora à figura 1, cujos quatro gráficos indicam a pontuação média pelos três melhores resultados no conjunto de corridas (C), saltos (S), lançamento (L) e na totalidade das provas (T), na evolução dos últimos onze anos. Verifica-se que em corridas só em 1946 se fez melhor, em saltos se não atingiu o vértice de 1947, mas em lançamentos se subiu consideravelmente, o que assegurou a totalidade de um valor nunca ainda atingido (753 p. finlandeses).

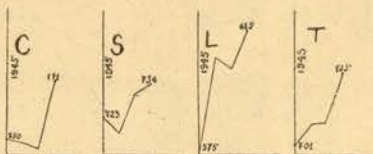
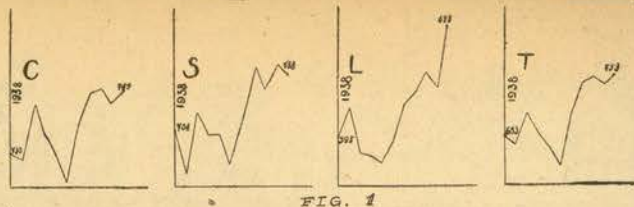
Segundo o mesmo critério para cada prova do programa oficial (cujos gráficos não publicamos para não sobrecarregar demasiado estes apontamentos), verifica-se que o melhor trio de 1948 foi o melhor de sempre nos 200, 800 e 110 metros-barreiras, em salto em comprimento e triplo-salto; nos lançamentos do disco, peso e dardo.

Se quisermos aprofundar mais a

nossa análise, consultaremos os gráficos da Fig. 2, em tudo idênticos aos da figura antecedente, mas baseados nos cinco melhores resul-

Esta edição (a 10.ª) do campeonato de Portugal de hóquei em patins, teve, na sua primeira fase, aspectos verdadeiramente curiosos e interessantes. Por exemplo: os desafios disputados entre clubes da mesma região, aparte de abertura, concluíram com vitórias de equipas visitantes; e nas partidas em que interferiram grupos de nucleos diferentes (primeira deslocação; das turmas nortenhas) triunfaram todos os visitados! Na vinda dos clubes do Norte a Lisboa (rectifique-se: arredores da capital...) o triunfo sudista foi total, concludente e esmagador, traduzindo na marcação global de 56 golos... contra oito!!! Isto em nove jogos — correspondentes a três jornadas — o que equivale a dizer que, por cada golo dos visitantes, os visitados respondiam com sete... Nunca (ou talvez poucas vezes) se patenteou tão claramente a discutidíssima questão: vantagem de «jogar-em-casa». Que atentem neste simples «pormenor de ocasião» os srs. sabichões inimigos da Verdade mais verdadeira do Mundo... desportivo — porque é de sempre a superioridade de... mandarmos em nossa casa. E, para mera amostra, publicam-se os números: Sintra-Oeiras, 7-1 (3-1 no encontro anulado); Vigorosa-Académico, 1-2; Sintra-P. Arcos, 1-6; Vigorosa-Infante, 1-4; Oeiras-P. Arcos, 0-6; Académico-Infante, 1-3; Sintra-Académico, 3-2; Oeiras-Infante, 4-3; P. Arcos-Vigorosa, 7-0; Sintra-Infante, 8-0; Oeiras-Vigorosa, 6-0; P. Arcos-Académico, 8-0; Sintra-Vigorosa, 8-1; Oeiras-Académico, 4-1; P. Arcos-Infante, 4-1.

Ao cabo do primeiro turno — em que os grupos sudistas denotaram evidente supremacia — a classificação ficou ordenada de modo que segue: 1.º Paço de Arcos — 15 pontos (5 vitórias) e 28-2; 2.º Sintra — 13 pontos (4 vitórias e 1 derrota) e 27-10; 3.º Oeiras — 11 pontos (3



tados nos três últimos anos; aqui, a superioridade da época de 1948 é completa e as médias alíngem: nas nove corridas, 771 pontos; nos quatro saltos, 734 pontos; nos quatro lançamentos, 615 pontos e no total dos dezasseis provas 725 pls.

Assim, pois, devemos concluir que o trabalho dos clubes (sobretudo e sem desprimor, do Sporting e do Benfica, que contribuíram respectivamente com 54 e 48 marcos para a lista dos 162 melhores resultados da época — dez para cada uma das dezasseis especialidades) tem sido eficaz e faz escender com segurança o valor dos segundos planos, dando ao atletismo português uma consistência em profundidade que é a única garantia de um progresso real.

Para acabarmos com esta crónica de números damos de seguida a classificação dos clubes nacionais, pelo critério indicado há algumas semanas, dos cinco melhores resultados do ano nas provas individuais do programa olímpico, atribuindo-lhes a pontuação adoptada nos nossos campeonatos:

Sporting Clube de Portugal, 145,53 p.; Sport Lisboa e Benfica, 96,76 p.; Académico Futebol Clube, 28,53 p.; Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, 25,66 p.; Futebol Clube do Porto, 12 p.; Estrela e Vigorosa Sport, 8 p.; Clube Internacional de Futebol, 4,5 p.; Clubs de Futebol (Os Balanenses), 2 pontos.

Salazar Correia

HOQUEI EM PATINS

Triunvirato lisbonense

na vanguarda do Campeonato Nacional

vitórias e 2 derrotas) e 15-17; 4.º Infante — 9 pontos (2 vitórias e 3 derrotas) e 11-18; 5.º Académico — 7 pontos (1 vitória e 4 derrotas) e 6-16; 6.º Vigorosa — 5 pontos (só derrotas) e 3-27. Em suma: — os campeões nacionais continuam na berlinda... prediaposos a não deixarem seus créditos por mãos alheias! O título deve pertence-lhes novamente; de justiça e com inteiro merecimento. Também, que haverá, por todo este Portugal, quem os destorne?! É curioso assinalar-se que a turma brilhante dos primos Correias, de Emídio, Gomes e Henriques, com quatro internacionais no «cinco», vai a caminho de quarto triunfo consecutivo — pois desde 1945 ostenta garbosa o título de campeão de Portugal! Em 1942 e 43 havia ganho também... Eis um recorde que se nos afigura difícil destronar (ou sequer igualar) nos dez ou vinte anos mais próximos. Grupos como o do Paço de Arcos aparecem uma vez!

Na primeira fase da competição marcarem-se 90 golos... mais de metade dos golos (28 + 27) couberam a jogadores da equipa campeã e de Sintra! Vasco Velez (que respeitceu na turma sintrense depois de longo afastamento) é quem (com 13) empunha o ceptro. Seguem-se-lhe: Correia dos Santos (P. A.) — que tem menos um sómente; Joaquim Miguel (S. O.) e Pires (Sintra) — com 9 cada; o nóvel e esperançoso João Trindade (P. A.) — com 8; Luís Polónia (L. Sagres) — com 6; Jesus Correia (P. A.) — com 5; André (Ac.º), Figueiredo (L. S.), Cava-

heiro e José Henriques (S. O.) e Raul Lima (E. Vig.º) — todos com 3 cada um; Ribeiro (Ac.º), Edgar e Raip (Sintra) — com 2; Correia de Brito (Ac.º), António e Manuel Soares (Inf.), A. Henriques, Gomes e Ramos (P. A.) e Rui Soares (Sintra) — todos com um cada. Uma referência especial (que a mereça) para o jovem Trindade — uma «esperança» do Paço de Arcos e o brioso substituto do consagrado Jesus Correia durante a estadia deste por terras de Espanha com os futebolistas do Sporting. O rapaz, realmente, promete.

Para as taças «José Carlos Lobo de Sousa» e «José Machado» — entre reservas de clubes locais (Lisboa e Porto respectivamente) a acompanharem a competição maior — estão à frente: Hóquei de Sintra (2 vitórias e 14-5) e Infante de Sagres (também 2 vitórias e 18-6). E — pois que o espaço, relicário preciosíssimo para quem escreve de apontamentos, não abunda em Revista onde tal é escasso... — guardaremos para crónica especial, no próximo número, o comentário devido à acção... dos portuenses em Lisboa. Que, diga-se desde já, o valor dos hóqueistas do Porto não se coaduna de modo algum com os números registados nas partidas que vieram disputar a Paço de Arcos, Santo Amaro de Oeiras e Sintra, perdidas, todas elas, mas nem sempre com a inferioridade que os resultados gerais proclamam.

Jorge Monteiro

Guilherme Patroni, Jofre de Carvalho, Mendes Silva, Franco do Vale, Odete Maria Nobre, Alíria Fiel, Maria Luísa Araújo e o Sport Algés e Dafundo são campeões nacionais para 1948

PELA segunda vez, no largo espaço de doze anos, Lisboa presenciou as provas máximas da natação portuguesa, dado que foi totalmente impossível realizá-las na Província, onde a propagação seria, por certo, bem mais prozelizada.

Gorada, por carencia de recursos materiais, a hipótese de realizar os campeonatos nacionais de natação na linda cidade de Viana do Castelo, pensa a F. P. N. organizá-los em Coimbra, aproveitando-se, assim, a oportunidade para se inaugurar da melhor maneira possível a piscina da cidade do Mondego.

Não teve, porém, o êxito que seria para desejar, esta segunda tentativa. E os campeonatos realizaram-se, pela força das circunstâncias, no magnífico estádio náutico do Sport Algés e Dafundo sexta-feira e sábados últimos, com a participação quasi exclusiva de nadadores lisboetas. Estranha é A. N. L., apenas a nadadora portuense Alíria Maria Antónia Fiel.

A ausência de algumas das ligas de primeiro plano da natação portuguesa, e o pouco brio desportivo que vários concorrentes patentearam, foram as causas principais do verdadeiro fracasso dos Nacionais de 1948, que ficaram para a história como uma das páginas mais sombrias dos últimos tempos, quer como espectáculo, quer sob o ponto de vista técnico.

Não merecem, infelizmente, largos comentários, estes nacionais de 1948. Queremos, no entanto, afirmar, desde já, com o intuito de rebater quaisquer possíveis lições demasiado pessimistas que possam surgir, que as marcas que os novos campeões arquivaram para a história, não refletem de modo algum — mormente nas provas masculinas — o estado actual da natação portuguesa.

No que toca a proezas individuais, há que salientar a actuação de Guilherme Patroni que averbou, ao estreiar-se como campeão nacional, três títulos individuais — 100, 200 e 400 metros-livres — e um colectivo.

João Franco do Vale, também conquistou o seu primeiro título — com inteira justiça. O mesmo sucedendo a Jofre de Carvalho na prova de lano.

Artur Mendes Silva, nos 200 metros-brasos, foi o anão campeão de 1947 que esteve presente — e que conserva o título.

E por último, na esteleta de 4x200 metros-livres, verificou-se o triantante reaparecimento do Sport Algés e Dafundo.

Quanto a nós, o apontamento mais agradável destes Nacionais, deu-o a gentilíssima nadadora portuense Alíria Maria Antónia Fiel, brilhante vencedora dos 100 metros-costas.

Maria Luísa Araújo correu muito bem os 200 metros brasos. E Odete Maria Nobre foi a anca senhora que averbou dois títulos: 100 e 400 metros-livres.

As provas masculinas

São campeões nacionais de 1948 os seguintes nadadores:

100 metros-livres — Guilherme Patroni, 1 m. 08 s.

200 metros-livres — Guilherme Patroni, 2 m. 40,6 s.

400 metros-livres — Guilherme Patroni, 5 m. 53,8 s.

1.500 metros-livres — Jofre de Carvalho, 23 m. 15,6 s.

100 metros-costas — João Franco do Vale, 1 m. 15,5 s.

200 metros-brasos — Artur Mendes Silva, 3 m. 15,8 s.

4x200 metros-livres — Equipa do Sport Algés e Dafundo, 11 m. 15,2 s.

Dos oito concorrentes inseridos para a prova clássica de velocidade para, apenas compareceu Guilherme Patroni — presentemente o melhor nadador português. Prova sem interesse e sem história. Apenas a nota mais triste destes desafortunados nacionais...

Quatro nadadores, dos dez inscritos, disputaram os 200 metros-livres, que Patroni venceu absolutamente à vontade, num tempo iraco, dada a falta de competição. Oscar Cabral (2 m. 45,4 s.) fez prova animosa. Belmiro (2 m. 48,2 s.) e Salgado (2 m. 53,2 s.).

Nos 400 metros-livres — onde a ausência de Jofre de Carvalho surpreende extraordinariamente — Patroni voltou a triunfar, sem esforço, à frente de quatro adversários de redidíssimas possibilidades. Marcas fracasíssimas: Belmiro (6 m. 05,9 s.), Almeida Figueiredo (6 m. 20,4 s.), Sousa Gomes (6 m. 35,8 s.) e Albano Fidalgo (6 m. 35,9 s.).

Os 1.500 metros-livres proporcionaram ao alhandrense Jofre de Carvalho o seu primeiro título nacional, ao cabo de doze anos de competições, através dos quais tem figurado sempre nos primeira fila dos nossos especialistas. O seu triant tem, assim, qualquer coisa de compensação moral...

Em segundo lugar, também um alhandrense: António de Carvalho, 24 m. 35,4 s.

Os restantes concorrentes não revelaram craveira que justifique a sua inclusão nos nacionais. Almeida Figueiredo (26 m. 7,3 s.), Vitor Lopes (26 m. 35,5 s.), Sousa Gomes (27 m. 48 s.).

João Franco do Vale não teve dificuldade em vencer a prova em que é especialista — os 100 metros-costas. Realista bem ao «ataque» de Artur Mendes Silva (1 m. 15,5 s.) e embaloou excelentemente para a meta. Oxalá que este título que lhe quadra admiravelmente, lhe sirva de precioso estímulo. Franco do Vale — vale muito mais do que 1 m. 15,5 s...

Aguardava-se nos 200 metros-brasos, bom despique entre Mendes Silva e João da Silva Marques. A prova, aliás, só lucraria com isso. A ausência do nadador da Cal, porém, tirou todo o interesse à corrida. Mendes Silva venceu em 3 m. 15,8 s. — marca que denuncia que o atleta não encontrou, ainda, a sua melhor «forma».

Na esteleta olímpica de 4x200 metros-livres, o Algés venceu com inteira justiça, tendo-lhe pertencido sempre o comando da prova. Caso a registrar: coabe a Oscar Cabral o melhor resultado individual.

A equipa correu pela ordem seguinte: Oscar (2 m. 45,2 s.), Franco do Vale (2 m. 46,3 s.), Pereira Bastos (2 m. 52 s.) e Patroni (2 m. 51,7 s.).

Vejam as marcas dos estorilistas: Figueiredo (2 m. 36 s.), Belmiro (2 m. 49 s.), Mendes Silva (2 m. 47,6 s.) e Vitor Lopes (2 m. 56,9 s.), que totalizaram 11 m. 20,5 s.

As provas femininas

São campeãs nacionais para 1948 as seguintes nadadoras:

100 metros-livres — Odete Maria Nobre, 1 m. 30,2 s.

400 metros-livres — Odete Maria Nobre, 7 m. 4,7 s.

100 metros-costas — Alíria Maria Fiel, 1 m. 48 s.

200 metros-brasos — Maria Luísa Araújo, 5 m. 48,6 s.

As honras das provas femininas, como aliás os honras destes nacionais de triste memória, vão inteirinhas para a representante do Futebol Clube do Porto. A sua vitória nos 100 metros-costas, se por um lado a todos surpreendeu, por outro veio quebrar a monotonia da velada de sexta-feira. Alíria Maria revelou excelentes condições para a natação, especialmente grande poder de flutuação. Convenientemente preparada, treinando regularmente numa piscina, Alíria Maria Fiel pode ir muito longe, pois que não lhe faltam excelentes condições naturais.

A Odete Maria Nobre assentam-lhe perfeitamente os dois títulos conquistados. No hectómetro, tendo como adversária a nadadora do Norte. Nos 400 metros, correndo «à sua», creditou-se dos seguintes «tempos» intermédios: 100 metros — 1 m. 36 s.; 200 — 3 m. 25,2 s.; 300 — 5 m. 17 s.

Maria Luísa Araújo — a campeã de brasos — muito bem, quer no que toca a estilo, quer no que se refere a entusiasmo decidido com que atacou o duplo hectómetro.

As corridas complementares

Apesar do espaço não abandonar, as corridas complementares merecem das linhas de comentário, pelo menos para afirmar que elas superaram em número de concorrentes e entusiasmo com que foram disputadas, muitas das provas em que estiveram em jogo títulos nacionais. E ainda para acrescentar que nelas tomaram parte alguns nadadores que nem mereciam ter corrido ao lado dos «melhores» que, afinal, são piores do que eles...

Tudo consequências de disposições lógicas, a que nos referiremos brevemente.

Eduardo Marta Barbeiro — nadador «internacional», Vasco Ribeiro, Ezequiel Gameiro das Neves, Maria Luísa Malheiro da Silva, Eduardo Candelas, entre muitos outros, distinguiram-se.

Abreu Torres

MEIA HORA DE CONVERSA COM O CAPITÃO GUEDES DE CAMPOS



O nosso camarada Antas Teixeira ouve com atenção as curiosas revelações do capitão Guedes de Campos

NUMA fortuita passagem por Torres Novas, tivemos há dias ocasião de falar com o conhecido cavaleiro internacional Capitão Guedes de Campos, figura de relevo do hipismo nacional, concursista de reais méritos que conta no seu palmarés com um bom grupo de vitórias, algumas delas conseguidas além fronteiras, na África do Sul.

Tem sempre interesse para o jornalista ouvir a opinião dos técnicos, falar com os desportistas, assistir de perto aos seus treinos. Muitos deles guardam recordações curiosas, retêm na memória factos que só difficilmente se poderiam esquecer, alimentam esperanças futuras.

Está neste caso o Capitão José de Campos que há 27 anos serve o desporto nacional praticando futebol, tiro, tennis e hipismo, onde em todas estas modalidades evidenciou sempre magníficas qualidades e um verdadeiro sentido desportista.

Por isso mesmo, pelos factos curiosos que ouvimos, uma rápida conversa sem peritências transformou-se numa curiosíssima entr'vista.

O assunto tinha interesse e perante ele pensamos na *Stadium* e nos seus leitores, resolvendo passar ao papel aquilo que gostáramos de ouvir da boca de Guedes Campos e que certamente o leitor, avido de conhecer pormenores da vida dos nossos servidores do desporto, apreciará devidamente.

Se relatassemos no entanto tudo que ouvimos em meia hora de amena conversa não nos chegaria o espaço de que dispomos. Resolvemos portanto extrair dela três episódios curiosos, dos tais que difficilmente os desportistas esquecem, mesmo quando se desentrolaram sobre eles longos anos de vida agitada e dinâmica.

Guedes de Campos que encontramos na Escola Prática entregou aos trabalhos de treino da água «Mondina» que lhe está distribuída e com a qual já este ano alcançou bellissimas classificações, não teve difficuldade na escolha, se bem que na sua memória estejam ainda bem avivados inúmeros casos.

É que o nosso interlocutor praticou futebol, praticou o tiro e desde os 14 anos que entra em provas hípias — o seu desporto favorito, segundo nos afirmou. Em 27 anos de vida desportiva há milheatos casos que a retina fixou e que a memória conserva religiosamente.

Relatemos todavia os escolhidos. Ouçamos Guedes de Campos:

Fala o cavaleiro

— O momento emocionante da minha vida foi passado na África do Sul quando entrei numa prova de equipas. A situação era a seguinte:

Das oito equipas inscritas a portuguesa corria em 6.º lugar sendo as duas últimas reconhecidamente fracas. À frente da classificação estava uma equipa inglesa que somara 10 pontos e mais. Como fosse considerado impossível um percurso «limpo» e os meus dois companheiros já tivessem totalizado nos seus percursos 10 pontos, quando entrei em pista ouvi o regoijo geral e até as felicitações que eram dadas aos componentes da equipa que mantinha o 1.º lugar. Na realidade a vitória parecia certa e, talvez por isso, entrei absolutamente calmo.

Depois de uma breve pausa o capitão Campos prossegue:

— A maior saudade desse dia val ainda hoje — tantos anos decorridos — para o «Incomati» esse cavalo que, como que adivinhando a situação fez um percurso impecável, num estilo impressionante, arrancando sem falta uma taça de equipas que parecia

tomando todas as precauções, porque uma breve imprudência pode ser fatal. Um dia resolveu caçar. Perdera dias antes um amigo mas o facto não lhe tirou a coragem e foi mesmo...

Morto ao primeiro tiro

— Foi ao Sul de Moçambique. Depois de um elefante ter sido alvejado com 9 tiros por dois experimentados e hábeis caçadores e de ter ido



O capitão de cavalaria Guedes de Campos



O capitão Guedes de Campos no «Raso», no ano em que triunfaram na «Tuti Club» e na «Taça de Ouro da Peninsula»



Depois do treino diário, o capitão Guedes de Campos e a «Mondina» ante a objectiva do fotógrafo

perdida. Quando terminei a prova vivi um momento de extraordinária emoção.

★

Na sua longa permanência em África o Capitão Guedes de Campos ouvira falar com interesse nos perigos que oferece a caça aos elefantes e nos cuidados que são necessários. São longas horas sem falar, a não ser gestos, a caminhar em hicos dos pés,

morrer a cêrea de 30 quilómetros calcule a minha satisfação quando vi cair fulminado ao meu primeiro tiro outro enorme paquiderme. Aquil tem outro momento emocionante — diz-nos o illustre entrevistado. E nós acreditamos sinceramente que o tivesse sido.

★

Sabíamos que Guedes de Campos jogara em tempos o futebol e não desconhecíamos que bastantes deliquências se fizeram então para o seu ingresso no Benfica e no Sporting. Desviámos a conversa para esta modalidade desportiva e o ponta direita de Torres Novas que nunca quis abandonar o seu clube nem trocá-lo por outro de maior nomeada, cita-nos vários casos interessantes e este que constituiu para ele um motivo de franca alegria.

Santarem e Lisboa empataram por 4-4

Depois de algum tempo de prática comecei a fazer parte da selecção de Santarem onde joguei a extremo-direito. Em 1928 depois de uma brilhante série de esplêndidos resultados inter-regionais, coube-nos a tarefa de enfrentar a selecção de Lisboa, quase a mesma que disputou os jogos Olímpicos de Amsterdão. Nela alinhavam entre outros Carlos Alves, Roquete, Jorge Vieira, Augusto Silva, César de Matos, Vitor Silva e o sudoso Pepe.

Era um grupo de respeito. Pois empatamos por 4 a 4 sem que a ninguém repugnasse uma vitória nossa por duas bolas de diferença. O empate no entanto agradou-nos dada a categoria do adversário. Também não esqueci esse dia e recordo-o com prazer.

Aqui tem o leitor três momentos emocionantes da vida desportiva do Capitão Guedes de Campos, o cavaleiro internacional que já ganhou 52 taças e vários objectos de arte, o jogador de futebol que ainda hoje se for preciso pratica a modalidade e o caçador amador que ao primeiro tiro dado na selva abate um elefante.

Como nota final poderemos afirmar que foi ele também o vencedor de vários Campeonatos de Tennis, disputados em África e no país, entre os quais um torneio de Singles em Vila do Conde.

Actualmente só o hipismo o interessa. Perdeu no ano findo o «Ribamar», cavalo difficil que lhe dera muito trabalho mas que ele pusera em magnífica forma. Hoje preocupa-o a água «Mondina» que tem qualidades e promete ir longe. Gostámos francamente do «conjunto» no Concurso Internacional de Lisboa e nos de Mafra e Caldas. Teremos nele um dos atractivos do Certame de Cascais.

Antas Teixeira



Uma defesa de Sérgio, em último recurso. Veja-se a posição de Feliciano e dos atacantes portuenses...

PORTO E BELENENSES

NA AFINAÇÃO DOS SEUS GRUPOS



Alfredo, o magnífico defesa do Porto, num pontapé largo — aliviando as balizas



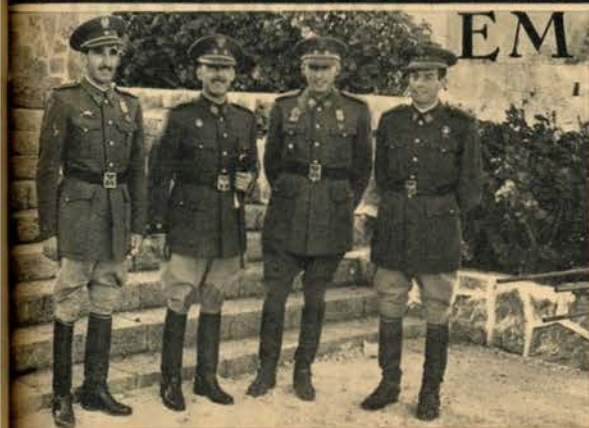
Dois interiores em luta: Araújo e Pereira Duarte



O famoso e hábil Araújo evita a entrada do adversário, e vai rematar no seu estilo inconfundível



O brasileiro Da Silva que, vindo de Barcelona, fez a sua estreia no F. C. Porto



EM CASCAIS



Equipa espanhola que está disputando o Concurso Hípico Internacional de Cascais

O capitão Rhodes Sérgio na «Flama», vencedor de 1.ª série da «Omnium»

Portugal estará presente no Campeonato da Europa de voleibol

NOS próximos dias 24 a 26 do corrente mês disputa-se em Roma o primeiro campeonato europeu de voleibol, prélio do campeonato do Mundo, marcado para o ano próximo para Praga, mas que provavelmente virá a ser transferido para país mais acessível.

Conhecendo-se a expansão que entre nós atingiu o voleibol e a

importância atribuída a este jogo como elemento no plano educativo da juventude, a ninguém pode causar admiração a inscrição de Portugal e o auxílio prestado à entidade federativa pela Direcção Geral dos Desportos, permitindo-lhe efectuar a viagem nas melhores condições para o rendimento da equipa.

A participação portuguesa no campeonato da Europa, sendo basismo internacional, sujeita portanto a todas as contingências de surpresa, é digna de ser seguida com o maior interesse e pode muito bem trazer-nos uma classificação prestigiosa. A visita, meses atrás, do grupo do M. U. C., campeão da França, trouxe-nos a certeza de uma classe nacional, que não recela desprimir em confrontos: não seremos concertos os melhores — principalmente se comparecerem as representações centro-europeias, do que duvidamos —, mas a todos daremos luta valorosa, com a esperança de uma possibilidade vitoriosa.

A selecção nacional, cuja escolha e preparação foram confiadas ao eng. Augusto Cavaco, vem trabalhando afincadamente há mais de um mês, por forma tal que bem merece ser posta em realce, pois raramente se viu ou verá em Portugal entusiasmo e devoção tamanhos.

Os doze jogadores escolhidos e alguns mais que foram chamados para experiência, compareceram de começo e três treinos semanais, que há quinze dias passaram a ser diários: meia hora de ginástica apropriada, sob a direcção obsequiosa do prof. Mário Lemos, seguida de duas horas de jogo, com estudo de esquemas táticos e exercícios de aperfeiçoamento técnico. O que mais importa acentuar, é que se não registou ainda uma única falta de qualquer seleccionado sem motivo imperioso justificativo e que todos, reconhecendo as dificuldades financeiras da F. P. V., têm procurado facilitar-lhe ao máximo a missão, assumindo a responsabilidade das despesas respectivas.

O orçamento estabelecido para o deslocamento, previu a saída de dez jogadores, o seleccionador e um dirigente; para que a equipa possa contar com o máximo de elementos que o regulamento de jogo consente, isto é, doze, o seleccionador e o directivo deslocam-se sem encargos, cedendo assim duas vagas. Eis, entre dirigentes e jogadores, um belo exemplo colectivo do mais puro amadorismo e do mais nobre dedicação desportiva.

Os elementos escolhidos para o grupo nacional são os seguintes: Fernando Frede (cap.), David Cohen, José Frois, Alvaro Mendes, Nuno Barros, (todos do Técnico) e Nuno Câmara Pereira (Sporting) que [ormarão a linha efectiva. Como suplentes, deslocam-se: Mário Bulzel (Estoril); J. Pinto Leite (Técnico); Rui Bravo e Mário Vinhas (C. I. F.); Fernando Lemos (Lisboa Ginástico) e Sá Vieira (Ateneu).

José de Eça

De um ano a outro

A opinião pública desportiva, após certo período de férias, começa sentindo de novo interesse de novo agitado pela reabertura das actividades do futebol, o seu jogo favorito.

Assim, de um ano para outro ano, os acontecimentos vão repetir-se, sempre os mesmos na essência, sempre diversos na realidade.

Esperanças, desânimos, esforços e projectos sucedem-se na mente dos dirigentes, dos praticantes e da grande massa dos aficionados, para quem o futuro é sempre o desejado reflexo do passado ou a miragem jagueira das realidades ambicionadas e ainda simples quimeras nos tempos absolutos.

Mais do que nenhum outro desporto, o futebol, pelas suas características populares, pelos interesses materiais que movimenta, — cá, como no mundo inteiro —, subordina à sua acção a acção geral e sobre a generalidade projecta a imagem da sua marcha evolutiva.

Embora existam outros desportos que, em Portugal, se podem considerar de vida independente, não é paradozo afirmar que a vida desportiva nacional reflecte, como um espelho, o maior ou menor fulgor da actividade futebolística.

A temporada de 1948-49, que oficialmente começa no domingo, já de há muito se inaugurou em preocupações no espírito de tantos dirigentes clubistas. Manter um grupo, defendendo-o de cubiças alheias; formar uma equipa, arrematando os elementos de onde os haja, eis as duas correntes contraditórias entre as quais se debate o eterno dilema de interesses dos que assumem responsabilidades organizadoras, aquelas responsabilidades que se cifram na ideia dos mandatários, na necessidade de conquistar louros e prestígio.

Passa um ano, vem outro ano e o futebol conserva toda a frescura do seu poder atractivo, serve sempre de motivo para as mesmas polémicas, alimenta idénticas ilusões; ansio de luta, combate de doutrinas, sonho de glórias...

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de combóios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Tennis, Hiplismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALACIO HOTEL
Luxuoso e confortável — Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE
Boa instalação — Anexo às Termas e Piscinas

MONTE ESTORIL HOTEL
(antigo Hotel de Itália)
Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS
Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Laboratório de análises clínicas. Ginástica Médica. Massagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro

CASINO

Aberto todo o ano
Cinema - Concertos - «Dancing» - Restaurante-Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol
ESTORIL

FUTEBOL

Boca Juniors bate Vasco da Gama por 5-3

No cinquentenário do Clube de Regatas Vasco da Gama, o Boca Juniors bateu o grande clube brasileiro, no passado domingo, por 5-3.

O resultado causou certa decepção nos meios brasileiros, mas a verdade é que a defesa vascaína não pôde com o ataque, ágil e rápido, dos famosos argentinos.

Os portugueses nascidos no Porto ofereceram ao Vasco da Gama um belo troféu — mercando, assim, a sua posição de fervorosos adeptos.

Em Inglaterra

Depois da 7.ª jornada do Campeonato Divisionário da Liga Inglesa os primeiros lugares pertencem aos seguintes clubes: Portsmouth (13 pts.); Derby C. (10 pts.) e Birmingham, Wolves, Charlton, Sunderland e Newcastle (9 pts.). Na cauda da 1.ª Divisão seguem o Aston Villa e o Everton (3 pts.).

O Arsenal recebeu a visita do Aston Villa e ganhou-lhe por 3 bolas a 1. Os restantes resultados foram estes: Birmingham, 1-Preston N. E., 0; Blackpool, 1-Wolves, 3; Chelsea, 6-Everton, 0; Derby C., 2-Sunderland, 2; Liverpool, 0-Bolton W., 1; Middles., 4-Burnley, 1; Portsmouth, 3-Charlton, 1. Houve 3 empates: Huddersfield-Sheffield U. e Manchester C.-Manchester U., ambos os desfechos sem tentos, e o Newcastle com o Stoke City (2-2).

O único clube com cem por cento de vitórias é o Hull City e os únicos que não contam derrotas são apenas Portsmouth, Derby, Burnley, Rotherham, Hull e Swansea.

ATLETISMO

Arifon distingue-se

J. C. Arifon é, indubitavelmente, um dos melhores saltadores de barreiras da Europa. Recentemente, bateu o recorde de França dos 400 metros dessa especialidade, igualando o do continente, no tempo de 51,6 seg. Este «marca» representa 1.076 pontos no tabela finlandês.

Na mesma reunião, Marcel Hansenne ganhou os mil metros em 2 m. 21,6 seg.

Na Alemanha

Apareceu agora na Alemanha um magnífico corredor de velocidade. Chama-se Zandi e correu os 100 e 200 metros respectivamente em 10,5 e 21,6 seg. Durante o certame o lançador de martelo Storch alçou a esfera a 55,82 metros!

POLO AQUÁTICO

Itália-Sudestlévia

Em Lublino, a equipa nacional italiana, que fora batida pela da Sudestlévia (3-2), tirou uma bela desforra no dia imediato vencendo os seus adversários por 5 a 2.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

Um feixe de resultados e previsões

No Circo Vigorelli, de Milão, o notável pugilista italiano Livio Minelli, recentemente chegado dos E. U. A. onde pôs em evidência os seus recursos, derrotou por pontos, em 10 assaltos, o forte jogador francês Le Mentec.

Georgio Milan, jovem «melopeso» italiano, combateu em Basileia contra Gicesto. Triunfou por pontos, ao cabo de 10 rounds.

Guido Ferracin, também filho da aristocrática Itália, campeão europeu de «levísimos», abandonou o título nacional. Para suceder-lhe combaterá agora, em Roma, Felcineilli e Nuvoloni, ganhando o primeiro, por pontos (12 assaltos).

Finalmente, o ciganco francês Theo Médina sempre jogará contra o espanhol Romero. Data: 22 do corrente. Local: Barcelona.

Georges Mousse, excelente jogador francês, dominou em Liverpool, brilhantemente, o britânico Stan Rowan, forçando-o a desistir no fim de oito assaltos, com a arcaica dritelle jorrando sangue.

Rowan é um sério pretendente ao título de Campeão de Inglaterra (levísimos).

Tony Zale, futuro adversário de Cerdan, está em magnífica forma física. Recentemente chegado a Nova York, treina-se no Ginásio Cio todos os dias mas já atingiu o máximo da sua condição. Neste dato, anunciam as agências, Zale pesa 72,700 kg.

Enfim, não auguramos grande êxito ao magnífico jogador francês cujas derradeiras exhibições tem deixado bastante a desejar.

NATAÇÃO

Alex Jany em boa forma

Apesar de sofrer de um entorse, e conhecido nadador francês Alex Jany, agora em Casablanca, percorreu 100 metros (piscina grande) no magnífico tempo de 56,4 seg.

Na véspera, o jovem lrtido de Toulouse ganhou uma corrida de 220 jardas, em 2 m. 9,4 seg., melhorando o recorde europeu.

O Canal da Mancha

Está na ordem do dia, por ser a época propícia, a travessia do difícil Canal da Mancha. O novo vencedor de tão árdua tarefa foi agora Tom Blower, de nacionalidade britânica, que em 15 horas e 31 minutos foi da costa inglesa à costa francesa, batendo o recorde da prova.

NOTA DA SEMANA

FOMOS amargamente surpreendidos pela informação, estampada nos jornais, de haver sido castigado um clube madrileno que manifestou falta de presciência ao constituir o team que saiu derrotado pelo Sporting Clube de Portugal.

Segundo lemos, o Atlético de Madrid não pode alinhar o grupo de honra contra equipas estrangeiras antes de três meses e os directores foram advertidos de que semelhante facto — qual deles, a negligência ou o fracasso? — jamais poderá repetir-se.

Trata-se de um gesto de despeito, que se revestiu da indispensável indumentária disciplinar, ou na realidade é produto de uma doutrina?

Como ocorrência, passada fora de fronteiras, o caso parece falho de interesse desportivo particular, todavia tomamo-lo sob prisma diverso e achamo-lo, até, um frisante exemplo do qual se podem tirar conclusões úteis.

Não está no hábito dos desportistas de boa cepa deminuir o brilho dos triunfos dos seus adversários, utilizando este argumento ou aquele — quantas vezes de aparência inofensiva, como agora acontece! — mas aceitar os revezes com ânimo espartano e elegância fidalga.

Ora, a verdade manda que se diga, o Sporting Clube de Portugal ganhou brilhantemente um desafio cujas perspectivas antecipadas se mostravam um tanto equívocas. A vitória consumou-a fora de casa, contra um adversário de mérito averiguado, possivelmente em mau dia mas incapaz de deixar ao abandono o próprio prestígio, quer por negligência quer por falta de previsão, como agora se insinua.

Faça-se essa justiça ao simpático clube madrileno! Perdeu porque a fortuna o desajudou, porque o adversário teve, naquela hora, melhor inspiração, mais acerto e técnica melhor que a sua.

A que vêem agora os «mas» e os «porquês», se tudo isso não empanará o êxito dos onze portugueses que venceram, não por falta de presciência antecipada dos madridistas mas devido ao seu mérito próprio!

Não será assim?

OS empresários de boxe norte-americanos, que organizam no próximo dia 21 do corrente, em Jersey City, dois combates sensacionais, o mais importante entre Marcel Cerdan e Tony Zale, para disputa do título mundial de «médios», e o outro, entre o negro Joe Walcott e Gus Lesnevich, para escolha do sucessor de Joe Louis, tiveram um gesto eminentemente simpático — caso raro em semelhantes circunstâncias — convidando o veterano jogador francês, Georges Carpentier a presenciar a tentativa do seu possante compatriota.

A primeira vista, parece um simples golpe de publicidade. Concepção demasiado superficial, que não resiste a uma análise séria. Quem poderá interessar-se, hoje, nos Estados Unidos, volvidos vinte e sete anos sobre o episódio épico do combate com Jack Dempsey, pelo ardente e corajoso vencido?

Se, na própria França, poucos fíngem recordar-se dele, a quem o pugilismo europeu deve grande parte do prestígio e do desenvolvimento que alcançou!

Trata-se, por consequência, de um gesto simpático que realça o cavalheirismo dos empresários estadunidenses.

Ora Carpentier, contra todas as previsões, fez uma viagem verdadeiramente triunfal, desde o momento em que deixou o solo francês num avião até o instante da chegada a Nova York.

De passagem pelo aeródromo português de Santa Maria, logo o funcionário alfandegário o reconheceu. No restaurante noviorguino, a perspicaz creadita que atendia no bar, adivinhou tratar-se do famoso ex-jogador de boxe e assim por diante, do aeroporto ao hall do hotel.

Há figuras e personagens cuja irradiação espiritual é verdadeiramente magnética e, até, inexplicável. O antigo ídolo das costureiras parisienses pertence a esse grupo reduzido, cativante por excelência.

Que admira, se depois de vinte e sete anos da sua glória, abatido por Jack Dempsey, o vencido repete agora uma viagem triunfante, como se fôra ele e não Cerdan quem há-de subir ao ringue no dia 21 do corrente?

Rafael Barradas



Com area de conhecedor, o miúdo escolhe entre muitos, um maço levezinho, de acordo com a sua débil musculatura

O Jogo do Basebol

é a doença febril da mocidade americana!

receptadores, mascarado para não ser apanhado pela bola faz sinal com os dedos ao lançador pedindo uma bola difícil

O desporto mais popular nos Estados Unidos, o que enche colunas nas gazetas, se exhibe pelas vitrines das lojas, cintila nos anúncios luminosos do Times Square, se pratica nos estádios apocalípticos como nas trazeiras dos prédios, aquele que povoa a imaginação dos rapazes com sonhos e ilusões, o desporto, enfim, que se apropriou do homem pacato e honesto como do brigão e do gangster, chama-se *basebol*.

Sejam dois ou sejam mais adversários que se debatam entre si, pondo à prova todas as qualidades de destreza, inteligência, vigor atlético e mestria técnica, a diferença só existe nos meios materiais ao dispor, na regulamentação imaginada para cada jogo e no local do desafio.

Para o espectador, as dificuldades apresentam-se consoante o grau de complexidade das regras e o seu mistério. Percorrer uma distância, saltar sobre obstáculos, arremessar objectos — essência do atletismo — são actos simples e humanos que não exigem do público nenhum esforço particular.

Os combates do sóco, embora sujeitos a várias leis, também se compreendem à primeira vista e os seus pequenos pormenores técnicos, desvendam-se passado pouco tempo. Mas, os desportos denominados (de equipa) são diferentes. Cada componente tem uma função a desempenhar, como os músicos no interior de uma orquestra. O seu trabalho, visto isoladamente, parece-nos sem coerência — algumas vezes — por desconhecermos o pequeno problema no cuidado de cada executante.

O basebol pertence a esta categoria de desportos: fascinadores e reservados, como certas mulheres.

Com justa razão se considera único no Mundo, pelo dramatismo das situações e pela rapidez como devem ser resolvidas.

O duelo pessoal entre o lançador e o batero, o primeiro arrojando uma bola conforme as indicações do receptor, o segundo procurando captá-la em pleno voo, desviando-a com um maço de madeira, tem óbicos formidáveis, a que não são alheias a balística e a psicologia. Daí a



Escutado religiosamente pela assembleia de parotos o veterano treinador ensina como se deve agarrar na bola. Repare-se na expressão concentrada do pequeno ouvinte sentado a seu lado

celebridade conseguida pelos ases profissionais, figuras de projecção nacional, como esse Babe Ruth, há pouco falecido, que deixou na imaginação do povo americano lembrança incomparável.

Os rapazes sofrem da sua influência despotica e desde muito novos se dedicam ao jogo, com entusiasmo febril. Filhos de pobres, de emigrados e párias sem lei, reúnem-se nos baldios e nos pátios, quando o não fazem em planas ruas dos arrabaldes, para imitar os grandes vultos que são a glória dos grandes clubes.

Na boca das crianças pairam os nomes célebres: os Di Maggio, os Bob Feller, os Ted Williams...

Copiar-lhes os gestos, a linguagem pitoresca, o traço, as reacções psicologicas, é tudo muito simples para os ouvidos rapazes.

Descobrem nomes de heróis mas nunca ignoram os dos ídolos.

Os bairros populosos onde habitam famílias de prole numerosa são o alvore natural dos futuros componentes das equipas profissionais: os Yankees, os Cardiais, os Fedgas Brancas, os Urosos Pequenos, e tantos outros, cuja fama já ultrapassou fronteiras!

O que mais choca a sensibilidade do observador é o grau de absoluta seriedade com que se disputam os desafios infantis — hoje organizados pelos clubes grandes, na mira de captar simpatias e novas estrelas.

Ninguém, como as crianças, é mais exemplarmente disciplinada às indicações do treinador benévolo, aos seus conselhos e ralhos. Todavia, fora do jogo, procedem, como verdadeiros demónios que a Polícia jamais consegue domar, nem pelo medo, nem pela persuasão nem, ainda, pela violência. Fazes angélicas comandadas por um instinto diabólico, eis como são conhecidos os rapazes da rua numa grande cidade americana — grandes apaixonados pelo basebol, o «desporto máximo», no dizer do cidadão paulista que se preze.

R. BARRADAS



O pequeno árbitro (à esquerda) ensina com a mão a hora de jogar e a consequente saída do jogador em falta, que não chegou à sua base



Outro incidente característico, em que se revela todo o espirito juvenil e audacioso dos pequenitos jogadores de basebol

CAMPEONATOS NACIONAIS DE NATAÇÃO

1 — A estafeta olímpica de 4x200 metros-livres concorreram as duas equipas que a nossa foto reproduz. No primeiro plano, o elenco do Sport Algés e Dafundo, vencedor folgado da importante prova: Franco do Vale, Oscar Cabral, Guilherme Patrón e Pereira Bastos. De pé, o conjunto do Estoril Praia: Vitor Lopes, Belmiro Santos, Mendes Silva e Almeida Figueiredo.

2 — Dois campeões nacionais: à esquerda, João Franco do Vale (S. A. D.), brilhante vencedor dos 100 metros-costas; à direita, Artur Mendes Silva (E. P.), que confirmou o seu título de campeão dos 200 metros-bruços.

3 — Maria Luísa Araújo, a insinuante nadadora do Sport Algés e Dafundo, que vencendo a prova dos 200 metros-bruços, conquistou, merecidamente, o seu primeiro título de campeã nacional.



ODETE MARIA NOBRE

a nadadora do ESTORIL PRAIA que adora o mar e quer triunfar no desporto



Ao sair da água, após uma vitória brilhante!

NAS últimas provas e travessias do Tejo, quando o sinal de partida é dado para as duas ou três dezenas de nadadores iniciarem a corrida, um corpo esbelto de rapariga é dos primeiros a enfiar-se nas águas do rio. Depois, braçada após braçada, abrindo na largueza do Tejo a estrada por onde há-de percorrer os mil ou mil e quinhentos metros, Odete Maria Nobre domina com facilidade e alegria o trajecto, não abandonando nunca o grupo dos primeiros...

A nadadora do Estoril Praia tornou-se, assim, uma especialista destas provas, para as quais reúne qualidades.

É ela própria que nos diz o seu prazer de nadar no Tejo, mais do que nas pequenas piscinas.

— Aqui, sim! — dizia-nos Odete Nobre em plena praia de Paço de Arcos, olhando o rio imenso com reflexos de prata que o Sol tornava mais brilhantes.

Parce-me que o desporto da natação é então mais belo. A energia do nadador, o seu poder de resistência, vencer a ondulação, escolher o rumo, são predicados que julgo indispensáveis a todo o nadador de categoria.

— Gosta muito do Tejo?
— Muito. Somos velhos amigos... O termo velhos faz-nos sorrir. Os belos 18 anos de Odete Nobre querem, no entanto, recordar que desde muito garota brinca com as águas do Tejo.

— Sempre no Estoril?
— Para onde fui logo de muito miúda. Quando o sr. Azinhal começou a dirigir os nadadores do Estoril ingressei nas suas escolas.

— Não sabia nadar?
— Assim, desta maneira, com disciplina e vários estilos, não. Andava na água...

Falamos depois propriamente da sua vida de nadadora.

— Agora já sou senior e as minhas vitórias nos Campeonatos Regionais nos 400 e nos 200 metros livres, nos 100 metros costas e na estafeta 3x100, estilos, dão-me alma para pensar ainda mais na minha vida de nadadora. Garanto-lhe que podem contar comigo. É pena que não haja mais raparigas nas provas de natação. Quase que tenho só de pensar na Lucília Anjeja (ainda não se havia chegado aos Campeonatos Nacionais) adversária de valor e que terei muito gosto em vencer mais vezes... ou em perder...

— Qual o seu estilo preferido?
— Nado nos três estilos, bruços, costas e crawl. Talvez prefira o estilo livre.

— Que pensa de seu futuro como nadadora?

— Futuro, futuro... O meu pensamento agora, é triunfar!

Odete Maria Nobre, que é uma rapariga simpática e de modos despachados, rodeando as suas palavras de termos alegres e agalitados, divide a sua vida pelo emprego em Lisboa e pela natação.

— E outros desportos?
— Gostaria por gostar só da natação. Também vou ao futebol.

— Ver jogar o Estoril...
— Já sempre enquanto lá jogava o Bravo... Depois, acho que o grupo se foi um pouco abaixo!

Arriscamos uma pergunta que pode ser uma inconfidência.

— Qual o seu clube preferido?

— O Benfica. Se se tivesse secção de natação seria para lá que eu teria ido. Agora — sou do Estoril.

E já que gosta de futebol, diga-nos:

— Dos jogadores portugueses qual o preferido, depois do Bravo?...

Odete sorri e diz-nos apenas.

— Depois do Bravo gostava de ver as defesas do Valongo.

— Pratica outros desportos?

— Mais nenhum. Gostaria de saber patinar. Sempre que posso não perco exhibições de patinação ou filmes cujo motivo sejam os patins.

Mas, primeiro — não esqueça — a natação. Gosto do mar.

— Depois do desporto, o Cinema ou o Teatro?

— Interesse-me pelas duas artes. Já fui actriz representando uma peça de amadores. Mas gosto muito de cinema.

— Onde tem actores preferidos?

— Sim! O Tyrone Power!

— Dos portugueses?

— Dos portugueses, primeiro o



Odete contempla o mar...

Tyrone... depois o Alberto Ribeiro.

Estes 18 anos, sempre sorridentes e demonstrando sã alegria confundem-nos quando respondem a esta pergunta:

— Qual o género preferido?

— O drama. Tudo que seja sentimento.

— Então gosta do fado?

— E gosto mesmo. Se pudesse ser a Amália Rodrigues! Quando ela canta não me dedicam estes dois ouvidos que Deus me deu.

A rápida conversa estava terminada.

Odete saltou do mar que separa a praia da entrada, e de onde nos falara, e com um gesto gracioso atirou para os ombros a saca onde guardava o fado de banho que, momentos antes, envergara para nadar os mil e tantos metros de Caxias a Paço de Arcos.

E, com um aperto de mão, agradecendo a Stadium ter-se lembrado de a ouvir disse-nos simplesmente:

— Adeusinho! Até à primeira

— que nós ficámos a pensar se era conhecido ou com o Tejo, ali à nossa beira, com reflexos de prata que o sol tornava mais brilhantes.

O TREINADOR SCOPELI
ENTRE NÓS

O F. C. do Porto, tão inesperadamente como na época finda, ficou sem treinador. No ano passado — Szabo partiu inesperadamente para o Algarve, deixando o clube sem orientador técnico. Este ano, Eládio Vascheto, safu em direcção ao México, e de lá informou que lhe não seria possível regressar.

Fez falta o considerado técnico argentino. Os jogadores do clube campeão do Norte estavam habituados ao esmerado saber de Vascheto, à sua admirável educação, e tiveram pena ao conhecer a notícia do seu abandono.

Teve porém alguma sorte, o F. C. do Porto. O facto de Scopeli estar, por agora, livre de compromisso forte, serviu aos portuenses, que o tomaram ao seu serviço, embora com carácter provisório. Porque Eládio Vascheto pode voltar. E porque Scopeli, segundo é voz corrente, tem igualmente outros projectos.

A DEDICAÇÃO
DE CARLOS NUNES

Entretanto após o abandono de Szabo, entrou Carlos Nunes em acção. O antigo «internacional» do F. C. do Porto. seu capitão geral, actualmente, salva todas as dificuldades quando a sua colectividade fica sem treinador.

Obsequiosamente, Carlos Nunes toma conta do grupo de honra e seus suplentes, não os desamparando até que o cargo de treinador seja ocupado. Mais uma vez aconteceu assim ao saber-se que Vascheto abandonava a preparação dos seus antigos pupilos, e daí as palavras justas que lhe são dedicadas.

Carlos Nunes é bem um elemento que serve o futebol e a sua colectividade.

Porto. O Académico e o Leixões são os de maior envergadura, depois do F. C. Porto e do Boavista. A equipa do Lima cedeu um bom jogador ao Sporting da Covilhã: — Tomé. O Leixões também entregou Paulo ao Benfica. São dois elementos que podem fazer falta aos seus clubes e ao futebol portuense. No entanto, Leixões e Académico podem defender com muito brio a sua posição, e oxalá possam fazer melhor que nos últimos anos.

Dois antigos clubes da 1.ª Divisão da A. F. P., Salgueiros e Leça, ambos de honrosas tradições, estão presentemente mal colocados. Os «encarnados» do Porto tiveram há um período aureo, mas a sun queda tornou-se real com as alterações últimamente introduzidas na orgânica da bola. O popular clube procura reagir, mas a saída de vários elementos para o Elvas, há anos, vibrou-lhe um golpe irremediável.

Outros agrupamentos da antiga 2.ª Divisão da A. F. P., como o Vilanovense, parecem dispostos a vencer. O simpático clube de V. N. de Gaia possui boa equipa, nesta altura, graças a reforços que recebeu. O Tirsense, treinado por Artur Sousa, representa uma promessa. E também lutarão com dignidade muitos mais. O futebol vencerá.

na capital do NORTE

Os primeiros jogos da época e os representantes do Porto na 1.ª Divisão

O F. C. Porto estreou-se contra o F. C. Famalicao, ganhando por 3-0. A seguir, derrotou por 7-3 a equipa do Sporting de Braga. Depois, o Belesenses foi batido por 3-0. O Boavista, entretanto, foi vencido na Pévoa de Varzim por 2-1, jogando contra o Vitória de Guimarães.

A época oficial principia no domingo, e os grupos portuenses procuraram tomar contacto com a bola e alguns adversários antes de se envolverem na luta a sério.

Nos primeiros desafios — pouca gente nova. O F. C. Porto estreou dois extremos novos: Lino, que veio do Leça, e Vieira, do Beira Mar de Aveiro. Qualquer deles, novos, deitam boas esperanças aos simpatizantes do F. C. Porto.

O seu antigo defensor, Francisco, regressou à base, após uma época no Académico de Viseu, para onde o F. C. P. mandou agora dois novos jogadores: — os irmãos Ferrelte, dois rapazes simpáticos e habilidosos. Francisco, entretanto, não se adapta a jogar sobre o extremo. Sobre o centro, atleta como é, jogará com autoridade.

Outro elemento que voltou ao F. C. Porto foi Valongo, embora já na época passada fizesse alguns desafios.

Barrigana precisava de um suplente, e Valongo pode ocupar muito bem esse posto. Mas a grande surpresa foi constituída pelo concurso do brasileiro Da Silva, que, contra o Belesenses, revelou méritos — embora não esteja ainda completamente integrado na equipa.

De resto, o campeão portuense não perdeu nenhum dos seus valores reais. Araújo, Joaquim, Carvalho e Barrigana foram abordados — mas ficaram de pedra e sal, desmentindo todos os boatos, Romão foi também dos primeiros a comparecer, quando se julgava o contrário, e aqui está um rapaz que poderá progredir um pouco mais — se quiser trabalhar...

Quem por certo abandonará definitivamente a prática do futebol é Correia Dias. É natural que lá por Ovar dê alguns pontapés, mas como treinador da Ovarense, para «matar saudades». É pelo menos o que consta. De Lourenço não temos notícias firmes, e Angelo, habilidoso, como Catolino, continuam no clube.

Alfredo, um valor, continuará também no clube.

Em que lugar se fixará o brasileiro Da Silva? Para avançado centro ou para interior esquerdo? Se for para interior esquerdo, Gastão descansará alguns jogos. No ataque, nos méritos ou na defesa, ainda o F. C. Porto conta com o concurso de Vergílio, no fim de contas utilíssimo à equipa. Guilher, a ser utilizado Francisco no centro da linha, (e bem precisa este defensor de subir — pois é altura disso) também descansará muitas vezes. O capitão do F. C. P. sabe muito do jogo, é de uma dedicação grande ao seu clube, e por certo o demonstrará sempre que for preciso.

Quando abandonar o futebol, pode ter lugar para si dentro do clube. Como o poderia ter Pinga, olhando por juniores ou infantis, que bem precisam de ser assistidos cuidadosamente,

Eis o que há sobre o F. C. Porto, pelo menos neste momento. Domingo já se joga «a doer», e veremos então se podem confirmar-se ou desmentir-se estas palavras.

Quanto ao Boavista — nada de novidades sérias. O grupo é sensivelmente igual ao do ano findo. Também Caiado e Serafim foram disputadíssimos, e qualquer deles dados como recrutados seguros do F. C. Porto e do Benfica. Porém, pensando a tempo e horas, regressaram à base e o simpático clube do Bessa pode confiar na sua equipa.

O Boavista não procurou gente nova ou, pelo menos, gente já conhecida. Os seus dirigentes queriam apenas que lhe deixassem ficar o que pertence à casa, e assim aconteceu.

Esperamos também que o seu comportamento seja honroso, na próxima época. Assim será. O Porto, a cidade, claro, vai ser representado por dois bons conjuntos, que lutarão com boa vontade, dentro ou fora dos seus campos. Mais uma vez é de recomendar, aos da 1.ª como aos das Divisões imediatas, uma preocupação constante: — a de evitar conflitos e os castigos deles resultantes.

Os clubes são prejudicadíssimos, e os jogadores também. Sabemos todos que há elementos que fazem o mal e a caramunha e não sofrem as consequências de actos maldosamente praticados. Mas aqueles que jogam apenas com a bola, que procuram tornar o futebol agradável aos olhos do público e da crítica, — devem evitar o mais possível a «convivência» nefasta e indesejável. No seu próprio interesse...

Os grupos das Divisões inferiores também podem representar bem o

Aitudes incompreensíveis

NUNCA aplaudiremos dirigentes ou jogadores que se metam em «camisas de onze varas». É talvez um desses casos o que se passa com o jogador Vital.

Nada temos com o que se vê para além dos campos de jogo, mas as notícias vindas a público sobre o jogador de Alcântara levam-nos a comentar desagradavelmente a acção de quem possa contribuir para incidentes desta natureza.

Se fôssemos dirigente — e Deus nos livre de tal — nunca desejaríamos lidar com os casos que pudessem ferir o bom nome do desporto.

Não nos interessa especialmente o assunto. Nem que Vital fique ou vá. Mas se é seu desejo regressar ao antigo clube, simpático como todos — que se não oponha ninguém.

O F. C. do Porto não precisará de colocar nas suas fileiras um elemento que tenha outros compromissos a cumprir. E, entretanto, o propósito de evitar espectáculos aborrecidos e pouco desportivos, deve ser a sua preocupação constante.

Há um nome a respeitar. Um nome que não deverá ceder perante um capricho ou uma brincadeira. Já dissemos, e repetimos, que é preciso honrar o desporto, e essa missão cabe aos dirigentes. Que importa conseguir um jogador, mesmo bom, se para isso for preciso praticar actos à margem da boa razão?

No caso presente, como em todos os outros que se nos afiguram incorrectos — mantemo-nos à distância. Nunca contribuiremos nem contribuiremos para desviar audaciosamente um atleta do seu caminho, mas somos capazes de compreender, evidentemente, a sua vontade de melhorar a situação.

Porém — que tudo se faça com respeito pelos direitos de cada um e sem habilidades. Do contrário...

Podem o F. C. P. ou o Atlético não ter culpas no que se passa. Ou no que se diz e escreve talvez haja exagero. De qualquer dos modos, o futebol português não precisa de assistir a cenas deste quilate, e será melhor evitá-las, a bem do bom senso.

Eis o que imparcialmente devemos dizer. A uns e a outros, clubes e jogador, e até ao público apaixonado, que às vezes aprecia as coisas demasiadamente «a seu modo». Não sabemos de quem é a culpa, mas o que não se pode é deixar sem crítica severa a acção desleal de quantos andem no desporto.

COMPANHIA INDUSTRIAL DE PRODUTOS

ANTUÃ

S. A. R. L.

ESTARREJA

TELEGR. ANTUÃ

TELEFONE 50



AGÊNCIAS:

LISBOA — Rua Concelção da Glória, 38 (DEPÓSITO)

PORTO — Rua de Santo António, 71 — Telef. 2 3770

S. JOÃO DA MADEIRA — Telefone 120

SECÇÕES EM LABORACÃO:

Cortumes ♦ Serração de Madeiras

♦ Carpintaria ♦ Marcenaria

BREVEMENTE

**Regeneração de resíduos de Couros e Peles em
PRODUTOS PLÁSTICOS E SÍNTETICOS**

para as indústrias de Calçado, Textil e Construção Civil

**Artigos para Electricidade, Hospitalares,
Domésticos, Tapeçarias, etc., etc.**

Produtos de novidade fabricados no País sob
a direcção de um competente Técnico belga

Uma indústria nova ao serviço da Economia Nacional



SPORTING E M BARCELONA

1 — A equipa do Sporting que jogou em Barcelona; 2 — O grupo do Barcelona que bateu o Sporting por 4-1; 3 — Azevedo, velocíssimo, recolhe um remate formidável; 4 — Marcado um *livre* contra o Sporting perto da *grande área*, os *leões* fazem barreira (Peyroteo examina como está a ser feita a barreira); 5 — Canário corta um ataque com um pontapé longo; Manuel Marques e Veríssimo seguem o lance; 6 — Azevedo está no chão, magoado, e, como sempre, solícitamente, o magagista Manuel Marques não o larga e põe-no fino!

